

PIRATARIA E MERCADO LIVREIRO NO RIO DE JANEIRO: DESIRÉ-DUJARDIN E A LIVRARIA BELGO- FRANCESA, 1843-1851

Contato
Universidade de São Paulo
Faculdade de Educação
Av. da Universidade, 308 bloco A – sala 117
05508-040 – São Paulo – SP
nschapo@uol.com.br

Nelson Schapochnik*

Universidade de São Paulo
São Paulo – São Paulo – Brasil

Resumo

O presente ensaio examina uma zona nebulosa caracterizada pelas práticas comerciais de contrafações, isto é, de obras piratas que chegaram ao público brasileiro por meio do comércio transatlântico de impressos, cuja presença pode ser constatada nos catálogos de bibliotecas e gabinetes de leitura implantados no Império brasileiro. Nesta análise, será explorada a atuação de Desiré-Dujardin, proprietário da Librairie Belge-Française e de um gabinete de leitura instalados na cidade do Rio de Janeiro no período de 1845 a 1851, assim como suas estratégias comerciais e editoriais.

Palavras-chave

Contrafação – comércio livreiro – Desiré-Dujardin.

* Doutor em História Social, no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, pós-doutorado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Professor doutor no Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada (EDM), na Faculdade de Educação.

PIRACY AND BOOK TRADE IN RIO DE JANEIRO: DESIRÉ- DUJARDIN AND THE LIBRAIRIE BELGE- FRANÇAISE, 1843-1851

Contact

Universidade de São Paulo
Faculdade de Educação
Av. da Universidade, 308 bloco A – sala 117
05508-040 – São Paulo – SP
nschapo@uol.com.br

Nelson Schapochnik

Universidade de São Paulo
São Paulo – São Paulo – Brasil

Abstract

This paper proposes an examination of a gray area characterized by counterfeits of commercial practices namely pirated works that reached the Brazilian public through the transatlantic trade of printed works whose presence can be found in the catalogs of libraries and reading rooms deployed in the Brazilian Empire. On this occasion, it will be explored the role of Desiré-Dujardin, owner of Librairie Belge-Française and a reading room installed in the city of Rio de Janeiro in the period 1843-1851, its business and editorial strategies.

Keywords

Counterfeiting – book trade – Desiré-Dujardin.

Apesar dos inequívocos avanços da história do livro, da edição e da leitura no Brasil, é possível constatar que alguns aspectos das relações comerciais transatlânticas ainda estão mergulhados na mais profunda penumbra. Se, por um lado, conhecemos a legislação comercial adotada ao longo do século XIX e alguns estudos enfatizam a presença de uma complexa rede de profissionais que atuavam na produção, distribuição e comercialização de artefatos impressos de origem estrangeira e brasileira (incluindo tipógrafos, encadernadores, litógrafos e livreiros), por outro lado, ainda desconhecemos a organização contábil dessas empresas, a atuação de seus representantes legais e prepostos, os custos do seguro e do frete e, não raro, temos muita dificuldade para acessar e estabelecer uma racionalidade interpretativa diante de um *corpus* documental que vem cifrado em distintas moedas, cujo registro pelas autoridades fiscais e aduaneiras emprega medidas de peso e de volume que camuflam a natureza dos impressos que circulavam no espaço transatlântico.

Este ensaio pretende apresentar uma análise de uma zona nebulosa caracterizada pelas práticas comerciais de contrafações, isto é, de obras piratas que chegaram ao público brasileiro por meio do comércio transatlântico de impressos cuja presença pode ser constatada nos catálogos de bibliotecas e gabinetes de leitura implantados no Império brasileiro. Também será analisada a atuação de Desiré-Dujardin, proprietário da Librairie Belge-Française e de um gabinete de leitura instalados na cidade do Rio de Janeiro, no período de 1843 a 1851.

O que informam os catálogos?

Ao traçar a cartografia de diversas bases institucionais que promoveram a leitura e o acesso à cultura letrada no Brasil oitocentista, com especial atenção para a implantação de uma rede de gabinetes de leitura, bibliotecas associativas e bibliotecas populares foi possível recolher um significativo número de catálogos.¹ A leitura e a quantificação de alguns dados obtidos no exame desse repertório constituído por 32 catálogos permitiram não apenas suplantar asserções generalizantes e impressionistas sobre a posse e a circulação de livros, mas favoreceram a produção de indicadores e séries que

¹ Investigação associada ao projeto temático Fapesp “Caminhos do romance no Brasil, séculos XVIII e XIX” (proc. 02/08710-2).

serviram de base para estabelecer parâmetros mais concretos para o estudo dessas instituições e das práticas socioculturais ancoradas na leitura.

O mapeamento da procedência dos livros de prosa de ficção (contos, novelas e romances) arrolados nesses catálogos evidencia traços das disputas travadas por livreiros e editores pelo emergente mercado de impressos e de leitores nessa latitude. Portanto, não causa estranheza o fato de que as edições no vernáculo provenientes de Portugal sobrepunham de maneira significativa a presença de similares nacionais. Para traduzir essa afirmação em termos quantitativos, parece importante indicar que de uma amostragem de 8.451 obras editadas em língua portuguesa, 7.478 eram oriundas de Portugal, enquanto 973 foram produzidas no Brasil, o que em números relativos remonta à cifra de 88,5% contra 11,5%, respectivamente. As razões para esse flagrante desequilíbrio se assentavam na recém-implantação de uma infraestrutura destinada à produção dos artefatos impressos (tipografias, oficinas de litogravuras e encadernação, importação de papel, tinta, tipos, filetes e etc.) e as querelas sobre a formação dos trabalhadores desse setor produtivo, sobretudo entre os anos 1820 e 1850². Acrescente-se ainda a transferência de livreiros e representantes de empresas comerciais francesas e portuguesas que viam grande oportunidade de expandir seus negócios, como foram os casos de Martin, Bossange, Mongie, Guefier, Firmin Didot, Aillaud, Laemmert e Garnier.³ Por fim, convém recuperar o importante argumento defendido por Laurence Hallewell sobre a legislação aduaneira que vigorou ao longo do século XIX e início do século XX, responsável por introduzir dispositivos

² Ver: SCHAPOCHNIK, Nelson. Malditos tipógrafos. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Imagens na história*. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2008, p. 376-397.

³ A trajetória de alguns desses homens ligados ao comércio livreiro foram estudados, por exemplo, por SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Livro e sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821), *Revista de História*, v. XLVI, n. 94, abril-junho 1973, p. 441-457; FERREIRA, Tânia Bessone da C. e NEVES, Lúcia Maria Bastos P. das. Livreiros franceses no Rio de Janeiro: 1808-1825. *História hoje: balanço e perspectivas. IV Encontro Regional da ANPUH-RJ*. Rio de Janeiro, Associação Nacional dos Professores Universitários de História, 1990, p. 190-202; NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. Comércio de livros e censura de ideias: a actividade dos livreiros franceses no Brasil e a vigilância da Mesa do Desembargo do Paço (1795-1822). *Ler história*, n. 23, 1992, p. 61-78; ALGRANTI, Leila Mezan Algranti. Censura e comércio de livros no período de permanência da corte portuguesa no Rio de Janeiro (1808-1821). *Revista Portuguesa de História*, v. 23, n. 1, 1999, p. 631-663; DUTRA, Eliana de Freitas. Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. In: BRAGANÇA, Aníbal & ABREU, Márcia (org.). *Impresso no Brasil*. São Paulo: Edunesp, 2010, p. 67-87; NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. Impressores e livreiros: Brasil, Portugal e França, ideias, cultura e poder nos primeiros anos do Oitocentos. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 451, 2011, p. 231-256.

tarifários que beneficiavam a importação de livros brochados e encadernados, cuja taxaço era menor que aquela aplicada à importação de papel destinado à impressão ou ainda à encadernaço.⁴ O resultado inequívoco da articulaço desses elementos foi a hegemonia da edição portuguesa sobre a produço editorial nacional.

Por sua vez, o exame da composiço dos fundos de prosa de ficção editada na língua francesa revelou um aspecto até então pouco conhecido nas relaço comerciais franco-luso-brasileiras, isto é, a presença de obras pirateadas ou de contrafaço. Na contramão de inferências arriscadas que naturalizam a produço do livro em língua francesa como um produto genuinamente francês, a leitura minuciosa dos catálogos explicita que em algumas instituições a quantidade de obras provenientes da Bélgica sobrepujava aquelas produzidas na França. Nesse sentido, a distribuço de obras editadas em língua francesa denotava a repercussão no mercado livreiro do Brasil das disputas pela hegemonia comercial travada entre a França e a Bélgica, durante a primeira metade do século XIX.

A ascensão da indústria editorial belga e a concorrência com a França receberam atenço de diversos historiadores que enfatizaram distintas dimensões e articulaço entre os elementos econômicos, políticos, jurídicos e tecnológicos responsáveis pela idade de ouro das ediço piratas produzidas na Bélgica no período de 1830 a 1845.⁵ De acordo com o trabalho precursor de Herman Dopp, a ascensão da indústria livreira belga foi beneficiada inicialmente por uma conjuntura marcada, por um lado, pela vigência na França de uma severa censura e de uma carga tributária elevada e, por ou-

⁴ HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Edusp, 2005, p. 222-223.

⁵ DOPP, Herman. *La contrefaçon des livres français en Belgique, 1812-1852*. Louvain: Librairie Universitaire, 1932; ALLEN, James Smith. *Popular french romanticism: authors, readers and books in the 19th century*. Nova York/Syracuse: Syracuse University Press, 1981; BARBIER, Frédéric. Le commerce international de la librairie française au XIXe siècle (1815-1913). *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, Paris, t. 28, 1981, p. 94-117; Idem. Les marchés étrangers de la librairie française. In: CHARTIER, Roger & MARTIN, Henri-Jean (ed.). *Histoire de l'édition française* t. III. Paris: Promodis, 1985; LYONS, Martyn. *La triomphe du livre: une histoire sociologique de la lecture en France du XIXe siècle*. Paris: Promodis, 1987; MOLLIER, Jean-Yves (dir.). *Le commerce de la librairie en France au XIXe siècle, 1789-1914*. Paris: IMEC Éditions/Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1997; GOD-FROID, François. *Aspects inconnus et méconnus de la contrefaçon en Belgique*. Bruxelas: Académie Royale de Langue et de Littérature Françaises, 1998; BULTÉ, Christophe. Approche économique du secteur de la contrefaçon à Bruxelles (1814-1852). *Contre-façons. Cahiers du Cédic*, n. 2/4, Bruxelas, 2003, p. 3-78; HELLEMANS, Jacques. O comércio internacional da edição belga no século XIX. O caso das reimpressões (1815-1854). *Livro*. Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição, São Paulo, n.1, 2011, p. 89-98.

tro, pela liberdade de imprensa adquirida após a independência belga e por condições que favoreceram a expansão de sua produção livreira por meio da reimpressão de obras. Além da disponibilidade de equipamentos gráficos, a Bélgica era capaz de produzir todo o papel necessário para a impressão. Deve-se considerar ainda o fato de que o governo fornecia subsídios para a exportação e que os empréstimos oficiais foram fundamentais para a organização de sociedades em comanditas.

Como se pode perceber, a situação era amplamente favorável aos editores belgas. Em vez de publicar os romances em três ou quatro tomos, com grande espaçamento, os editores belgas ampliaram a mancha tipográfica ao diminuir o espaçamento e empregar tipos menores, compondo assim livros em um só volume em formato pequeno. Essa engenhosa solução, aliada ao fato de que não recolhiam direitos autorais, permitiu um incremento notável. A soma de todas essas variantes incidia diretamente no preço final do livro, cujo exemplar era vendido por três francos ou até menos, em vez do preço habitual do livro francês, que girava em torno de sete francos ou mais.

Contudo, adverte Jacques Hellemans, a produção massiva de contrafações na Bélgica em momento algum impediu a expansão do comércio livreiro francês, mesmo durante o período de 1836 a 1845, que representou o auge da concorrência. De acordo com o pesquisador, essa disputa foi positiva, uma vez que a produção livreira da França e da Bélgica se encaminhavam a mercados distintos:

Impõe-se não esquecer que, se a Bélgica vendia mais exemplares, fazia-o a um preço acentuadamente inferior ao da França. Os dois agentes editoriais atuavam de fato paralelamente: voltavam-se apenas a duas classes distintas de compradores. Os belgas se dirigiam aos que queriam ou não podiam ler a não ser por preço baixo. Os franceses interessavam-se principalmente pelos ricos que, por gosto ou por requinte, queriam os livros franceses editados em Paris. Longe de se apossar da clientela normal dos editores franceses, a contrafação belga ajudou-a a crescer, pois fez nascer o gosto pela literatura francesa em todos os pontos onde abriu sucursais.⁶

Ademais, os editores radicados na Bélgica não se enxergavam como falsários, mas enquadravam o seu trabalho no “sistema de reimpressões”. Conforme explica Hellemans, “eles apregoavam abertamente o seu furto, pois

⁶ HELLEMANS, Jacques. O comércio internacional da edição belga no século XIX. O caso das reimpressões (1815-1854). *Livro*, n. 1. São Paulo, p. 94.

não buscavam imitar o formato, o papel ou os tipos da edição original”.⁷ Os dados quantitativos recolhidos por Dopp sobre a exportação de livros belgas e franceses para o Brasil no período entre 1835 e 1839 reiteram o argumento de que a circulação de contrafações não ameaçava a hegemonia dos interesses comerciais franceses,⁸ como é possível constatar na tabela a seguir:

Tabela 1
Exportação de livros belgas e franceses para o Brasil (em kg)

Ano	Bélgica	França
1835	579	17.334
1836	390	24.704
1837	1.568	26.193
1838	–	22.779
1839	1.728	22.808

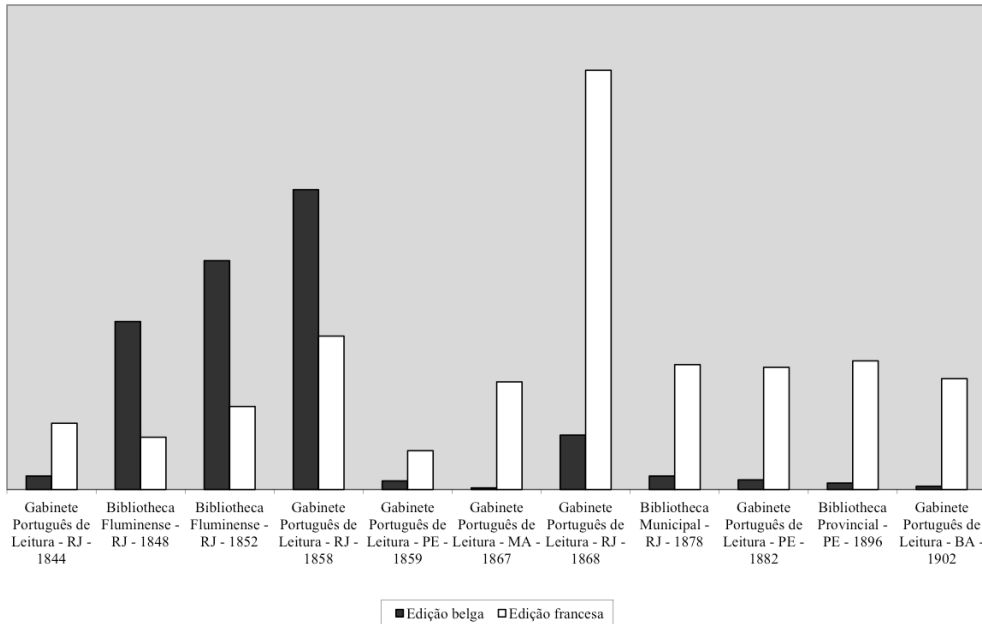
Embora o período abarcado seja diminuto, é possível constatar que o salto das exportações belgas, que chegam a quase quadruplicar a partir de 1837, não rebaixou de forma significativa o número das exportações francesas. A retração de aproximadamente 13% do montante de livros oriundos da França pode ser atribuída às novas estratégias de produção e comercialização introduzidas pelos livreiros belgas, mas ainda assim a concorrência estimulava o consumo de edições em língua francesa.

Considerando apenas aqueles catálogos de gabinetes de leitura e bibliotecas brasileiras oitocentistas que arrolavam a presença de livros de prosa de ficção originários da Bélgica, foi possível construir o gráfico a seguir, que explicita comparativamente a distribuição das obras em língua francesa.

⁷ HELLEMANS, Jacques, op. cit., p. 90.

⁸ DOPP, Herman. *La contrefaçon des livres français en Belgique, 1812-1852*. Louvain: Librairie Universitaire, 1932, p. 94-95.

Gráfico 2
Distribuição de livros belgas e franceses nos catálogos
de gabinetes de leitura e bibliotecas



Os catálogos mais fartos de exemplares produzidos na Bélgica são os da Bibliotheca Fluminense (1848 e 1852) e o do Gabinete Português de Leitura (1858), ambos instalados na cidade do Rio de Janeiro.⁹ Os dois primeiros apresentam, respectivamente, 312 e 425 livros belgas, que remontam os percentuais de 76 e 73%, rivalizando com um total de 97 e 154 livros franceses, ou 24 e 27%. O terceiro catálogo apresenta um total de 557 livros belgas (66%), em oposição aos 285 livros franceses (34%). Apesar de registrarem edições belgas, os demais catálogos não apresentam cifras tão expressivas.

Lamentavelmente, esses documentos não fornecem dados sobre os editores, mas apenas a identificação do autor, o título da obra, o ano da publicação, o local, o número de volumes e o formato. Tomando por base o atual

⁹ O Gabinete Português de Leitura foi instalado no Rio de Janeiro em 1837 e a Bibliotheca Fluminense em 1847. Para mais informações sobre essas instituições veja: SCHAPOCHNIK, Nelson. *Os jardins das delícias: gabinetes de leitura, bibliotecas e contextos de leitura no Rio de Janeiro imperial*. São Paulo: FFLCH-USP, 1999 (tese em História Social).

acervo de prosa de ficção conservado no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, foi possível identificar 722 obras editadas na Bélgica. Entre os autores de romance que aparecem com o maior número de edições belgas figuravam Alexandre Dumas (75), Honoré de Balzac (47), Xavier de Montépin (38), Paul de Kock (31), Émile Souvestre (26), Eugène Sue (26), Comtesse Dash (24), Paul Féval (22), Frederic Soulié (22), Elie Berthet (20) e George Sand (20). A lista indica o grau de atualização dos prelos belgas, posto que todos os autores arrolados publicaram suas obras no século XIX e, de maneira geral, podem ser classificados como representantes da literatura romântica. Sem exceção, todos eles eram franceses, o que demonstra o fascínio e a universalidade da cultura francesa no período. A demanda exercida pelas *nouveautés* era inquestionável. Todos os autores citados também foram publicados sob a forma de folhetins na imprensa brasileira, e muitas vezes também foram adaptados para o deleite dos frequentadores do teatro. Já entre os autores traduzidos para o francês, figuravam: Marryat (10), Charles Dickens (5), Emilio Gonzáles (5) e Louise Ulbach (4), entre outros.¹⁰

A distribuição desses títulos por editores possibilitou a elaboração da tabela que se apresenta a seguir:

¹⁰ Sobre o fenômeno das traduções culturais ver: VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. From the French or not: Transatlantic contributions to the making of the Brazilian novel. In: HOWSAM, Leslie; RAVEN, James (org.). *Books between Europe and the Americas: connections and communities, 1620-1860*. Londres: Palgrave Macmillan, 2011, p. 212-252.

Tabela 2
Distribuição dos livros belgas por editoras

Editora	Quantidade
Alphonse Lebègue Imprimeur-Editeur	245
Meline, Cans et Co.	175
Société Belge de Librairie (Hauman et Co.)	85
A. Jamar Editeur-Librairie	29
Kiessling, Schnée et Co. Librairies-Editeurs	22
Alphonse Lebègue et Sacré Fils	18
Librairie de Ch. Muquardt	18
Société Typographique Belge (A. Wahlen et Co.)	16
Librairie du Panthéon	11
Auguste Schnée et Co.	10
J. Jamar Editeur Libraire	10
J. P. Meline Libraire Editeur	8
Kiessling et Co.	8
Librairie de Tarride	8
Jamar	7
L. Hauman et Co.	7
A. Bluff Libraire-Editeur	6
Office de Publicité	6
A. Lacroix Verboeckoven et Co.	5

Editora	Quantidade
Impr. de Victor Manche	5
Hochhausen et Fournes	4
Impr. du Politique	4
J. J. Simon et Sacré Fils Imprimeur-Editeur	2
A. Bourlard Imprimeur-Editeur	1
Comptier des éditeurs	1
Dürr	1
Hauman, Cattoir et Co.	1
Hen	1
Impr. de N.J. de Slingeneyer Jeune	1
Librairie Étrangère	1
Librairie Polytechnique	1
Librairie Universelle de J. Razez	1
M. Hayez (Imprimeur de l'Académie)	1
Mayer & Flatau	1
Merten	1
Peeters	1
Simon	1
Typ. Vanbuggenhault	1

A relação permite ponderar sobre o processo de metamorfose experimentado pelas empresas voltadas para a produção livreira, evidenciado pelo emprego de termos distintos que traduzem operações complementares. Assim, podemos selecionar, entre as diversas referências, a presença de livreiros-impressores, impressores-editores, livreiros, impressores e tipografias. A repetição de alguns nomes, o acréscimo de sócios na denominação da empresa, a inserção da fórmula comercial “companhia” ou “sociedade” reitera a mudança no horizonte tecnológico, a ampliação do capital e as estratégias empresariais de ampliação dos negócios visando a açambarcar novos mercados.

A tabela ilustra a transição da pequena manufatura ou da empresa familiar, que empregava poucos funcionários e tecnologia tributária da força motriz dos seus trabalhadores, para a maquinofatura, que exigia um corpo mais diversificado de operários especializados, o emprego de rotativas movidas a vapor e a inversão maciça de capitais. Reforçando essa linha argumentativa, vamos encontrar uma empresa jornalística que empregará o tempo ocioso de suas rotativas para a produção de livros (Imprimerie du Politique), uma livraria que encomenda os livros supostamente destinados ao uso escolar (Librairie Polytechnique) e também duas grandes empresas que foram fundadas com o objetivo de reproduzir e exportar as obras de escritores franceses, ingleses, alemães e italianos (Société Typographique Belge e Société Belge de Librairie). Também é importante acrescentar a concentração geográfica da edição belga nesse conjunto de livros arrolados nos catálogos consultados, em que se verificou a presença de 942 livros provenientes dos prelos de Bruxelas e de apenas 18 produzidos em Gand.

A próxima tabela ordena o repertório bibliográfico no eixo temporal de acordo com a data da edição lançada no exemplar consultado, cujo resultado é o seguinte:

Tabela 3
Cronologia das edições belgas

Período	Quantidade
1821 – 1828	6
1832 – 1840	222
1841 – 1850	367
1851 – 1860	348
1862 – 1869	7

A leitura dessa tabela permite constatar que a presença de livros belgas desponta de forma significativa a partir de 1832, cresce cerca de 65% nos anos 1840 e, após um pequeno decréscimo nos anos 1850, despensa vertiginosamente nos anos 1860, com um número quase insignificante de exemplares. Esse movimento reitera a imensa capacidade de comercialização e rápido escoamento dessa mercadoria, que, de acordo com Jules Hetzel, fazia uso da venda a baixo preço e a longo prazo, da prática da consignação e da capacidade de oferecer livros sob formatos adequados aos gostos e exigências do mercado estrangeiro.¹¹

A inexistência de regulamentação sobre os “direitos do autor” ou sobre a “propriedade literária” favoreceu sobremodo a expansão das atividades editoriais belgas nos moldes da pirataria. De acordo com Martyn Lyons, como o direito do autor não era reconhecido para além das fronteiras, os editores belgas não transgrediam nenhuma lei, embora isso gerasse reações adversas. Todavia, essa prática combatida pelos editores franceses também era empregada por Aillaud, Baudry, Galignani, entre outros, para publicar obras originalmente editadas na Inglaterra, Alemanha e Itália.¹²

O pífio número de livros belgas verificados a partir de 1862 traduz, de certa forma, o impacto da pressão comercial e diplomática pelo reconhecimento da propriedade literária que finalmente foi acordada em 1852 pelos governantes franceses e belgas. Esse episódio se integra a uma verdadeira era das convenções sobre a propriedade literária. Inicialmente, esses tratados estabeleceram protocolos bilaterais, como os travados entre França e Portugal (1851) que, não raro, faziam parte de convênios comerciais mais amplos. Posteriormente, na medida em que a luta pelo reconhecimento da propriedade literária ganhava respaldo jurídico e diplomático, corroborando manifestações e articulações entre escritores e editores, começou a ser forjada uma consciência ampliada sobre as questões políticas e legais do mundo editorial que culminou em um novo patamar de caráter internacional representado pela Convenção dos Direitos do Autor, assinada por representantes legais de diversos países em Berna, em 1886.¹³

¹¹ HETZEL, Jules. Notes sur la contrefaçon: de son abolition et des conséquences (1854). In: BAIETENS, Jan (pres.). *Le combat du droit d'auteur*. Paris: Les Impressions Nouvelles, 2001, p. 136

¹² LYONS, Martin. *Le triomphe du livre. Une histoire sociologique de la lecture dans la France du XIXe siècle*. Paris: Promodis/Éditions du Cercle de la Librairie, 1987, p. 69.

¹³ KIPSZYC, Delia. “Convénios bilaterales de reciprocidad”. *Derecho de autor y derechos conexos*. Buenos Aires: Zavallía/CERLALC/Unesco, 1995, p. 600-603; BARBIER, Frédéric. *Les marchés étrangers*

O declínio dos empreendimentos belgas estava diretamente associado à sucessão de falências e especulação no mercado interno, à lenta conscientização de que a pirataria era uma atividade criminosa (reiterada por uma carta episcopal divulgada logo após o estrondoso sucesso dos *Mistérios de Paris*, de Eugène Sue), como também era produto dos efeitos de uma espetacular virada comercial resultante da chamada “revolução de Charpentier”.¹⁴ A denominação deriva do empreendimento de Gervais Charpentier, que em 1838 inaugurou uma série de romances, adotando os mesmos procedimentos empregados por seus rivais belgas. Um só volume, preço fixo (3,5 francos) e a adoção do pequeno formato *in* 18º, que passou a ser nomeado de “formato Charpentier”. Essa resposta permitiu a lenta e segura retomada de mercado para a edição francesa.

Finalmente, a sistematização dos dados deu visibilidade ao formato empregado em cada uma das 936 obras. Essa determinação material, além de espelhar tanto uma proposta editorial e comercial, sugere corresponder às exigências dos diretores das bibliotecas e dos proprietários dos gabinetes de leitura que as adquiriam.

Tabela 4
Formato dos livros belgas

Formato	Quantidade
In 4º	2
In 8º	47
In 8º gr.	5
In 12º	515
In 16º	20
In 18º	337
In 24º	3
In 32º	7

de la librairie française. In: CHARIER, Roger & MARTIN, Henri-Jean (dir.). *Histoire de l'édition*, v. III Le temps des éditeurs. Paris: Fayard/Cercle de la Librairie, 1990, p. 308-320.

¹⁴ OLIVERO, Isabelle. L'invention d'un nouveau genre editorial. *L'invention de la collection*. Paris: Institut Mémoires de l'édition contemporaine/Maison des Sciences de l'Homme, 1999, p. 49-88.

O expressivo número de obras impressas nos formatos *in 12°* e *in 18°* indica uma opção deliberada por edições mais baratas, o que, de certo modo, garantia o rápido incremento do acervo das novas bases institucionais de leitura e saciava o desejo dos leitores de sintonizarem-se com a produção cultural europeia.

A Librairie Belge-Française e as estratégias comerciais e editoriais de Desiré-Dujardin

Os romances e impressos de outros gêneros produzidos na Bélgica não ficaram registrados apenas nas páginas dos catálogos das bibliotecas e gabinetes de leitura que mantinham relações comerciais com livreiros europeus para incrementar os acervos das instituições. Eles certamente também foram comercializados pelos livreiros estabelecidos no Império, que forneciam essa mercadoria para a formação e deleite dos leitores brasileiros.

A leitura atenta dos anúncios de livros publicados na imprensa carioca permitiu identificar a instalação, em maio de 1843, da Librairie Belge-Française, na rua de São José, n. 64, 1º andar. De acordo com a publicação no *Diário do Rio de Janeiro* (n. 102, 5 maio de 1843, p. 4), “o proprietário d’este estabelecimento tem a honra de prevenir ao respeitável público que os catálogos de livros de medicina, cirurgia, pharmacia, litteratura, poesia, sciencia, etc, etc, acha-se prompto, e que ele será distribuído grátis, as pessoas que o desejarem dirigir-se á supramencionada casa”.

Para enfrentar a concorrência dos demais livreiros instalados na cidade do Rio de Janeiro, Desiré-Dujardin não limitou a sua oferta de impressos à prosa de ficção. Em função da presença de estudantes das recém-criadas faculdades de medicina e da escola de engenharia, ele tratou de obter títulos que satisfizessem aos tópicos e à grade curricular dos cursos superiores. Também visando a lucrar com o potencial interesse dos anunciantes, ele foi por quase um ano o agente da *Gazeta Universal, Política, Instructiva e Commercial (Folha dos interesses morais e materiais do Brasil)*, publicação dominical, impressa na Typographia Francesa.¹⁵

Em outro anúncio publicado nas páginas do *Jornal do Commercio*, dessa vez em língua francesa, o proprietário da Livraria Belgo-Francesa eviden-

¹⁵ A coleção pode ser consultada no portal da Hemeroteca Digital Brasileira, que compreende o período de 28 de abril a 18 de agosto de 1844. O jornal era impresso em quatro páginas, sua assinatura variava de 8 mil-réis para a Corte a 10 mil-réis para as províncias.

ciava a diversidade de artigos comercializados naquele espaço, no qual se misturavam livros “ilustrados, científicos e clássicos”, materiais de escritório, objetos de arte, lembrancinhas, partituras e gravuras, emoldurados sob a legenda apelativa de sua procedência parisiense. Como se não bastasse ilustrar as mercadorias comercializadas com discurso sutil e persuasivo, o informe permite inferir que os negócios de Desiré-Dujardin prosperavam, uma vez que ele já havia transferido seu estabelecimento que outrora ocupava uma sobreloja para um novo endereço: a rua dos Ourives, 73.¹⁶

Convém ainda destacar sua capacidade de tirar proveito de um nicho bastante específico desse comércio rarefeito: o do livro religioso. Contando na Bélgica com um setor significativo de editores voltados para a produção de impressos destinados à comunidade de leitores de crença católica, ele tratou de forjar alianças capazes de incrementar seus negócios. Aqui também, a expansão dessa atividade entrava em choque com os interesses dos editores franceses que viam com bons olhos as estreitas relações entre a monarquia brasileira e o controle da Igreja por meio do padroado. Não por acaso, ele participava:

aos Excelentíssimos e Reverendíssimos Srs. Bispos e a todo o Clero do Brasil, que acaba de receber um riquíssimo sortimento de todos os livros de liturgia superiormente encadernados, como missais, breviários, rituais, etc. etc. com os ofícios próprios do Brasil; todas as edições impressas pela afamada casa de Pierre-Joseph Hanicq, cujo depósito único no Brasil, está na sobredita casa, e onde distribui-se grátis o catálogo dos dittos livros.¹⁷

O sucesso comercial da empresa de Desiré-Dujardin parecia resultar de uma combinação entre a capacidade de selecionar lançamentos e oportunidades de lucro com os livros europeus e a capacidade de decifrar as necessidades e estimular as potencialidades do público leitor brasileiro. Conforme exposto anteriormente, isso se traduzia na oferta de livros escolares, obras de ciências, literatura e de recreação, livros religiosos, gravuras e artigos de escritório. A sobrevivência dessa negócio exigia obter impressos de baixo custo que poderiam enfrentar a concorrência dos demais livreiros estabelecidos na cidade.

¹⁶ “Le propriétaire de la librairie Belge-Française, située rue dos Ourives n. 73, a l’honneur d’annoncer au public qu’il vient de recevoir de Paris tout ce qui a été publié de meilleur et de plus élégant, com me cadeaux d’Etrennes tels que: keapsake [sic], livres illustrés, classiques et scientifiques; Ouvrages d’arts et pour la jeunesse; Álbuns de musique des premiers compositeurs avec riches dessins et reliures, Gravures, lithographies, objets divers bureau d’une elegance et d’une richesse rare, et enfin une foute d’objets divers relatifs à librairie. Les prix sont de plus raisonnables!”. *Jornal do Commercio* (RJ), 30 dez. 1844, p. 4.

¹⁷ *Diário do Rio de Janeiro* (RJ) n. 7550, 18 jul. 1847, p. 4.

O *Almanak Laemmert* informava a presença na cidade de dez comerciantes de livros no ano de 1844. Em 1850, esse número já atingia a cifra de 15 lojas.¹⁸ Entretanto, o comércio livreiro não se resumia às atividades das livrarias, pois era praticado também por arrematadores e leiloeiros, os alfarrabistas e vendedores de livros usados, além das ocasionais vendas anunciadas na imprensa carioca.

Diante desse circuito complexo, Desiré-Dujardin parece ter demonstrado astúcia e agilidade para oferecer não apenas livros de temáticas e gêneros diversos, mas também de padrões editoriais diferenciados. Esse aspecto é de suma importância porque a forma material do objeto livro denotava consumidores de perfil peculiar e preparava sua recepção de maneira não homogênea. Da mesma maneira que era capaz de oferecer os volumes ilustrados com gravuras da *Collection des Grands Écrivains du XIX^e Siècle*, descritos como “*format grand in 8^o en 2 colonnes, papier velin, caracteres neufs*”¹⁹, ele também anunciava obras recém-publicadas, em vários volumes de formatos *in 12^o* e *in 18^o*, de autores conhecidos do público brasileiro, veiculados nos rodapés da imprensa e adaptados para os palcos cariocas, por apenas 400 réis cada volume. Entre os muitos títulos anunciados são mencionadas obras de Eugène Sue, Alexandre Dumas, Paul de Kock, Honoré de Balzac, Elie Berthet, Charles Raybaud, Jules Michelet, Leon Gozlan, George Sand, Eugène Scribe, Frédéric Soulié. Ao final, agregava ainda uma surpreendente informação: “E mais uma coleção de 20.000 volumes de obras de litteratura, historia, viagens e etc, a escolher”.²⁰ Portanto, ele foi capaz de atender às expectativas de leitores ávidos pela recente produção literária publicada com padrões editoriais que resultavam em produtos de preço baixo e também de proporcionar exemplares sofisticados do ponto de vista do aparato crítico, do tipo de papel e encadernação, e da estética e projeto editorial.

Além do comércio de livros e impressos, Desiré-Dujardin destacou-se como agente de publicações periódicas. Se, por um lado, seu vínculo com a

¹⁸ A coleção completa e digitalizada do *Almanak Laemmert* pode ser consultada no site <<http://www-apps.crl.edu/brazil/almanak>>. É importante acrescentar que por se tratar de uma publicação em que os anunciantes pagam para figurar nas páginas do almanaque, ele é uma referência importante, mas está longe de dar conta de todas as atividades e dos sujeitos envolvidos nos diferentes postos e negócios. Basta indicar que nos anos 1844 e 1845 a Livraria Belga-Francesa não é citada na seção “Livrarias”.

¹⁹ Faziam parte dessa coleção as histórias da Revolução Francesa de Thiers, de Barante e de Mignet, os cursos de história moderna de Guizot e de economia política de Jean-Batiste Say, e as obras completas de Michelet, Balzac, Sand, Hugo e Lamartine. *Jornal do Commercio* (RJ) n. 259, 10 set. 1844, p. 4.

²⁰ *Diário do Rio de Janeiro* (RJ) n. 7615, 2 out. 1847, p. 3.

Gazeta Universal foi breve, por outro lado, sua atuação como representante do *L'Echo des Feuilletons* parece ter se estendido por um período maior.²¹ De acordo com um novo anúncio publicado no *Diário do Rio de Janeiro*, datado de 25 de agosto de 1847, ele informava o funcionamento, na livraria, de um escritório que cuidava dos interesses do periódico, e também operava como “depósito geral das publicações belgas”. O acúmulo dessas atividades deve ter aumentado ainda mais seus ganhos, uma vez que no mesmo informe alertava os clientes sobre a mudança do estabelecimento para um novo endereço.²² É importante acrescentar que a instalação da Livraria Belga-Francesa na rua do Ouvidor n. 105 representava enorme êxito, tanto no plano comercial e econômico quanto no plano simbólico. De acordo com um memorialista, a rua do Ouvidor era “a mais passeada e concorrida, e mais leviana, indiscreta, bisbilhoteira, esbanjadora, fútil, noveleira, poliglota e enciclopédica de todas as ruas da cidade do Rio de Janeiro”.²³ Trocando em miúdos, a rua do Ouvidor concentrava nesse momento o comércio elegante (modistas, cabeleireiros, perfumistas, lojas de tecidos, chapéus e sapatos), livrarias (Albino Jordão, Garnier, Mongie, Villeneuve), casas de chá e confeitarias, o Hotel Europa e a sede do *Jornal do Commercio*, entre outras.

Os sucessivos deslocamentos podem indicar crescimento no comércio livreiro. Contudo, uma análise mais detalhada das operações realizadas por Desiré-Dujardin parece estar fadada ao fracasso em função da ausência dos arquivos e da documentação contábil da empresa. Os anúncios publicados na imprensa carioca informam os diversos gêneros, os títulos, os autores e eventualmente os preços, os formatos e os tipos de encadernação dos livros comercializados. Mas essas lacunas lançam enigmas de difícil resolução para os pesquisadores. Basta recordar que ao acompanharmos a seção dedicada ao movimento de mercadorias no porto do Rio de Janeiro, no período de 1845 a 1850, foi possível esclarecer que Dujardin recebeu um total de 14 remessas, sendo nove oriundas do porto de Antuérpia e cinco de Le Havre. Salvo a origem dessas mercadorias, o que seria plausível afirmar sobre a natureza e especificidade dos impressos, uma vez que as autoridades fiscais

²¹ Publicação anual realizada em Paris pelos editores J. B. Felles e L. P. Duffour, no período de 1841-1871. Conforme seu título informava, trata-se de uma antologia de textos diversos – novelas, contos, anedotas e episódios – extraídos da imprensa.

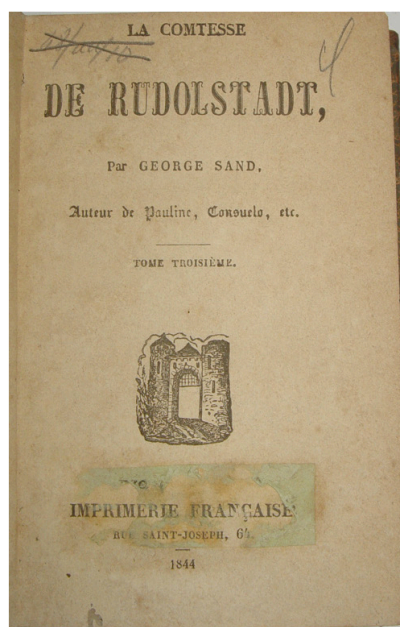
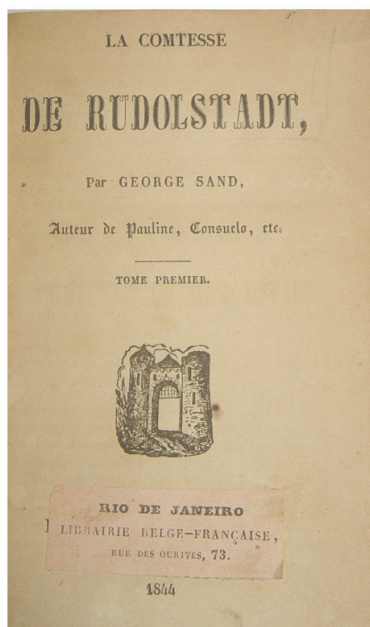
²² *Diário do Rio de Janeiro* (RJ) n. 7583, 25 ago. 1847, p. 4.

²³ MACEDO, Joaquim Manoel de. *Memórias da rua do Ouvidor*. São Paulo: Saraiva, 1963, p. 1.

e aduaneiras empregavam medidas de peso e volume cambiantes, isto é, alternavam com frequência as rúbricas (“caixa”, “caixote”, “pacote”, “volume”).

Ao consultar as obras belgas do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro verificou-se que Desiré-Dujardin não foi apenas mais um livreiro estrangeiro radicado na cidade. Ao manusear o tomo III de *La comtesse de Rudolstadt* (1844), de George Sand, constatou-se que o livreiro havia adulterado aquilo que Lucien Febvre e Henri-Jean Martin designaram de “registro civil do livro”,²⁴ isto é, as marcas do impressor. Ele havia colado uma etiqueta com a identificação de seu estabelecimento sobre a identidade da oficina que havia produzido o livro, a saber: Imprimerie Française (R. Saint Joseph, 64), 1844. O tal feito indica uma ardilosa forma de autopromoção ou publicidade que conferia ao livreiro a capacidade de perscrutar o mercado europeu, obter algum título sob a forma de ponta de estoque e oferecer de forma rápida aos leitores brasileiros um autor de grande acolhida naquele momento. E, de quebra, obter lucro na operação comercial.

O contato com o exemplar do romance *Les viveurs d'autrefois* (1849), de Foudras e Montépin, possibilita pensar que aquele traço inicialmente identificado como autopromocional, uma vez que conferia ao livreiro uma função



²⁴ FEBVRE, Lucien & MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Editora Unesp/Hucitec, 1992, p. 130.

de formador de opinião, na verdade encobria um acurado tino editorial. A data da edição pode indicar que Dujardin já atuava no mercado livreiro havia cerca de seis anos e que conhecia os hábitos dos leitores potenciais e as possibilidades desse comércio. Portanto, nada a estranhar sobre a edição de livros em francês, uma vez que boa parte dos leitores desses livros vivia em situação comunicacional denominada *diglossia*, isto é, no emprego simultâneo de dois códigos linguísticos.

O fato é que na contracapa do romance de Foudras e Montépin encontramos uma informação preciosa, muitas vezes desprezada pelo leitor comum: o romance foi impresso pela Société Typographique Belge (A. Wahlen et Co.). Essa marca permite desvendar um dos sentidos do circuito comercial transatlântico. Inequivocamente, o livro foi impresso na Bélgica, mas tudo indica que havia sido encomendado pelo livreiro radicado no Rio de Janeiro. Se esse raciocínio estiver correto, podemos pensar que a inserção comercial de Desiré-Dujardin extrapola as regras do mero vendedor de livros e confirma o tipo de atividade que se aproxima das artes, dos saberes e dos riscos de um editor. Assim, o circuito ganha uma dinâmica, mostrando-se como uma rota de mão dupla. Ele não apenas escolheu o título que lhe pareceu mais adequado ao negócio, mas também procurou tirar proveito das condições econômicas e tarifárias, acrescidas ainda dos motivos de ordem tecnológica que repercutiam na produção e distribuição dos impressos, o que tornava o livro importado ou produzido no exterior a pedido de um editor radicado no Brasil mais barato que o similar nacional. Em tempo, esse procedimento era igualmente adotado por Garnier, que mandava imprimir seus livros em Paris e agregava ao *colofón* o endereço carioca de sua livraria. Portanto, Desiré-Dujardin não só vendia livros produzidos na Bélgica, como também era beneficiário do sistema de reimpressões, que lhe permitia selecionar alguns títulos para serem vendidos no Rio de Janeiro.

Da mesma maneira que ele havia solicitado exemplares do romance *Les viveurs d'autrefois* à Société Typographique Belge, encomendou três títulos ao editor Jean-Paul Meline, toscano radicado na Bélgica, que ficou conhecido com um dos mais ativos promotores da contrafação.²⁵ Na contracapa dessas obras encontram-se referências ao nome da empresa Meline, Cans

²⁵ Os títulos atribuídos ao editor Meline são: *Histoire du Consulat et de l'Empire*, A. Thiers (1845); *Le Pêche de Monsieur Antoine*, G. Sand (1846); *Le Peuple*, J. Michelet (1846). Sobre a atuação de editores estrangeiros na Bélgica, ver: FAYT, René. Les contrefacteurs belges étaient des 'étrangers'. *Contrefaçons. Cahiers du Cédic* n. 2/4, janvier, 2003, p. 166.

et Compagnie e endereço de Bruxelas, Leipzig e Livorno. De acordo com a monumental pesquisa empreendida por François Godfroid, essas marcas pareceram-lhe suficientes para afirmar que o proprietário da Librairie Belge-Française era correspondente do editor Meline no Brasil.²⁶

Por sua vez, essa pesquisa conseguiu ampliar os dados obtidos por Godfroid, uma vez que ele localizou e atribuiu apenas cinco títulos ao livreiro Dujardin na categoria dos editores estrangeiros impressos na Bélgica.²⁷ Conforme os dados expostos no quadro a seguir, o mapeamento das atividades editoriais de Dujardin possibilitou identificar no total 13 títulos.

Quadro 1
Livros editados por Desiré-Dujardin

Autor	Título	Designação do editor	Ano
G. Sand	<i>La comtesse de Rudolstadt</i>	Librairie Belge-Française Desiré Dujardin	1844
H. Balzac	<i>Les petits manèges d'une femme vertueuse*</i>	Desiré Dujardin Libraire	1845
A. Thiers	<i>Histoire du Consulat et de l'Empire*</i>	D. Dujardin	1845-46
A. Dumas	<i>Le batard de Mauléon</i>	Desiré Dujardin	1846
J. Michelet	<i>Le peuple*</i>	Desiré Dujardin Libr.	1846
G. Sand	<i>Le péché de monsieur Antoine*</i>	Librairie Belge-Française Desiré Dujardin	1846
P. Féval	<i>Le fils du diable</i>	D. Dujardin	1846-47
H. Balzac	<i>La cousine Bette*</i>	Desiré Dujardin Libraire	1847
A. Dumas	<i>Le quarant-cinq</i>	D. Dujardin	1847
P. Féval	<i>Le Mendiant noir</i>	Desiré Dujardin Libraire	1847
M. Foudras e X. Montépin	<i>Les viveurs de autrefois</i>	Librairie Belge-Française	1849
E. Sue	<i>Martin l'enfant trouvé, ou les Mémoires d'un valet de chambre</i>	Librairie Belge-Française Desiré Dujardin	1849
E. Scribe	<i>Piquillo Alliaga ou Os mouros no reinado de Phillippe III</i>	Desiré Dujardin Editor	s/d

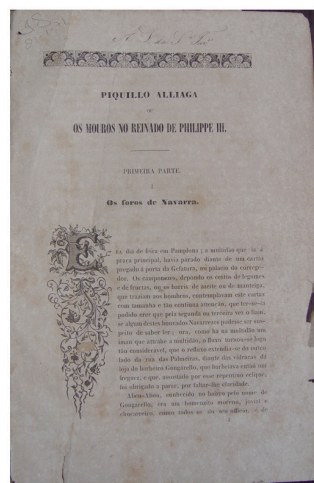
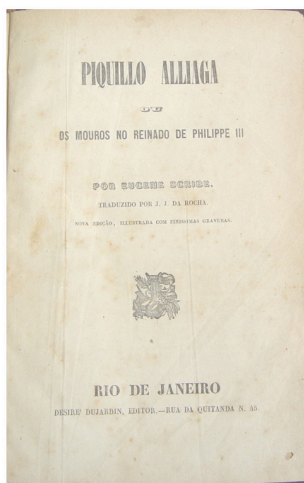
* Indicam os títulos arrolados por F. Godfroid, op. cit., p. 575-577.

²⁶ GODFROID, François. *Aspects inconnus et méconnus de la contrefaçon en Belgique*. Bruxelas: Académie Royale de Langue et de Littérature Françaises, 1998, p. 576.

²⁷ Idem, *ibidem*, p. 576-577.

Embora diminuto, o conjunto das obras encomendadas por Desiré-Dujardin demonstra a agilidade dos impressores belgas em oferecer cópias de obras recém-lançadas no mercado francês. Com exceção do romance de Scribe, todas as obras arroladas nesse quadro foram publicadas no mesmo ano de seu lançamento, reiterando o grau de atualização e capacidade de oferecer produtos com grande poder de sedução para os leitores brasileiros.

Para além da mescla de textos de natureza histórica (Thiers e Michelet) e prosa de ficção, é curioso constatar que dos 13 títulos editados por Desiré-Dujardin, no período de 1844 a 1849, apenas um foi publicado em língua portuguesa e quiçá não tenha sido impresso na Bélgica. Trata-se do romance de Eugène Scribe, *Piquillo Alliaga ou Os mouros no reinado de Phillippe III*, cuja tradução ficou sob a responsabilidade de Justiniano José da Rocha, que já havia traduzido obras de Honoré de Balzac e Eugène Sue publicadas sob a forma de folhetim na imprensa carioca. Trata-se de uma edição em tamanho *in 8º* grande, ilustrada com litografias preparadas na oficina de Ludwig and Briggs e com elementos decorativos como filetes ornados.²⁸



Folha de rosto; detalhe da gravura com identificação da litografia de Ludwig and Briggs e Primeira página com capitular e elementos decorativos.

²⁸ Sobre a trajetória de Frederico Guilherme Briggs e de Pedro Ludwig e a sociedade comercial firmada por eles, ver o ensaio introdutório de CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes. Frederico Guilherme Briggs e sua Oficina Litográfica. In: LUDWIG & BRIGGS. *Lembrança do Brasil*. Rio de Janeiro: Sedegra, s/d. Não há nenhuma informação sobre as imagens empregadas no livro de Scribe, editado por Desiré-Dujardin.

A leitura dos informes e anúncios publicados na imprensa permitiu compreender que Desiré-Dujardin não atuava no comércio livreiro somente como varejista. Na medida em que a livraria abrigava o depósito geral das publicações belgas, seu proprietário exercia o papel de intermediário de livreiros e instituições, operando no mercado atacadista dos impressos. Por isso mesmo, ele veiculava sua capacidade de atender demandas por grandes partidas de livros, nos seguintes termos:

Na Livraria Belgo-Francesa há para vender um rico sortimento das melhores obras dos autores os mais afamados da literatura moderna francesa, como Victor Hugo, Lamartine, Alexandre Dumas, Balzac, Eugène Sue etc. formando em tudo uma coleção de 350 vols. *in* 8°, 500 vols. *in* 12°, 1500 vols. *in* 18°, muitos deles encadernados, o que tudo está muito próprio para fundar um GABINETE DE LEITURA, seja na corte, seja em qualquer outra cidade. Todos estes livros são inteiramente novos e hão de se dar por preço favorável.²⁹

O informe explicita a capacidade de Dujardin de disponibilizar aquelas sedutoras mercadorias produzidas pelos prelos belgas que estavam desbancando o lugar do livro francês no mercado mundial, sobretudo com a ascensão de uma nova base institucional de leitura representada pelos gabinetes de leitura. A coleção de romances tinha por alvo a ampliação dos negócios com o livro, envolvendo a locação de cada volume por dia, semana ou mês, conforme prática usual dos gabinetes de leitura.

Os gabinetes constituíram-se numa afortunada instituição, quer para aqueles que não tinham dinheiro para a aquisição de livros e periódicos, quer para ampliar as possibilidades de leitura daqueles que dispunham de diminutas bibliotecas privadas e, ainda, fornecia o maná que nutria o imaginário daqueles que não sabiam decifrar o texto, mas participavam da experiência da leitura por meio da oitiva. Atendendo aos critérios da novidade e atualização (autores românticos e títulos recém-lançados), de um jogo de escalas que atendia às demandas financeiras e espaciais (350 volumes *in* 8°, 500 volumes *in* 12°, 1500 volumes *in* 18°), de apelar para a embalagem do produto como forma de distinção (livros encadernados e brochuras) e ainda sublinhando o preço atrativo, ele criava um efeito multiplicador para os negócios do livro. É preciso reconhecer que a livraria, enquanto fornecedora de livros e coleções para os gabinetes de leitura, tinha muito a ganhar com a

²⁹ *Jornal do Commercio*, 28 jun. 1846, p. 4.

expansão daquelas “máquinas de ler e sonhar”, conforme expressão cunhada por Claude Pichot.⁵⁰

Os argumentos a favor das vantagens dos livros belgas sobre os produtos originários da França também foram localizados por Manoela Domingos no catálogo de 1840 da Librairie Belge et Française (antigo Gabinete de Mlle. Férin), instalada na cidade de Lisboa. Representante dos interesses belgas em um contexto que tradicionalmente mantinha vínculos com o mercado livreiro francês, Mlle. Férin afirmava que:

*Les avantages principaux des éditions Belges sur les éditions de France sont: 1° de ne coûter souvent que la moitié du prix des éditions Françaises; 2° d'être supérieures sous le rapport typographique; 3° d'être d'un format uniforme et de renvoyer les unes aux autres; 4° de former un plus petit nombre de volumes, ce qui facilite les recherches et économise le frais de reliure, etc; 5° et enfin, la plus part des ouvrages sont augmentés de notes indiquant la législation et la jurisprudence des cours du Royaume de Belgique, sur les matières traités.*⁵¹

A possibilidade de auferir lucro não apenas com a comercialização, mas também com a locação de livros, impulsionou Desiré-Dujardin a instalar em 1848 um gabinete de leitura nas dependências de sua livraria. Tal iniciativa indicava uma solução bastante plausível para maximizar os lucros decorrentes dos negócios dos livros, sem a necessidade de novos investimentos. A designação de Gabinete francês de Dujardin, reproduzido nas páginas do *Almanak Laemmert* e da imprensa carioca, duplicava seu nome no circuito comercial, agregava elementos de distinção social e, simultaneamente, indicava para os potenciais consumidores aquele tipo de livro que seria possível encontrar ali. Acrescente-se que o valor da subscrição, de 2\$ réis, não diferia dos valores cobrados por estabelecimentos similares que existiam na cidade.

Periodicamente, seu proprietário fazia publicar um anúncio, no qual informava uma nova remessa de obras, incluindo livros e periódicos, também com o objetivo de incentivar o abono de novos leitores. Para ilustrar a estratégia de seu proprietário, reproduzo o informe veiculado no *Jornal do Commercio*, datado de 1º de fevereiro de 1850.

⁵⁰ PICHOT, Claude. Pour une sociologie des faits littéraires. Les Cabinets de lecture à Paris durant la première moitié du XIXe siècle. *Annales ESC*, Paris, vol.14, n° 3, 1959, p. 522.

⁵¹ DOMINGOS, Manoela. *Estudos de sociologia da cultura. Livros e leitores do séc. XIX*. Lisboa: Instituto Português de Ensino à Distância, 1985, p. 164, nota 70.

ABONNEMENT DE LECTURE

A la Libraire Belge Française,
R. do Ouvidor n.105

Les ouvrages nouveaux ci après sont a disposition de MM. les abonnés: A. Dumas fils, *Le roman d'une femme*, 4 vols; A. Luchet, *L'éventail d'ivoire*, 2 vols; Marquis de Foudras, *Jacques de Broncion*, 5 vols.; Dash, *Les degrés de l'échelle*, 6 vols.; Roger de Beauvoir, *Memóire de Mlle. Mars*, 1 vol; X. de Montepin, *Confession d'une bohème*, 2 vols.; P. Féval, *Le ouvrier de Paris*; idem, *Le jeu de la mort*, 2 vols.; Proudhon, *Memóire d'un revolucionnaire*; A. de Lamartine, *Les memóires d'un notaire*, 3 vols.; (...); *Revue de Deux Mondes*, novembre.

Priz de l'abonnement 2\$000 par mois

Apesar das propaladas vantagens do negócio e dos indicadores de sucesso comercial, ambos os empreendimentos de Désiré Dujardin foram encerrados em meados de 1850 e 1851, e não são conhecidas as razões que o levaram a tomar tal decisão. O fato é que o *Almanak Laemmert* já não arrolava mais a Livraria Belga-Francesa na edição dedicada ao ano de 1851. O endereço ocupado outrora pela livraria, a rua do Ouvidor n. 105, passou a ser ocupada por outros comerciantes de livros identificados pelo nome da firma Girard & de Christen (1851) e, no ano seguinte, pela associação de comerciantes que já atuavam na cidade, Firmin Didot Frères e Belin Leprieur & Morizot. Por sua vez, a menção ao Gabinete francês de Dujardin deixou de figurar na edição referente ao ano de 1852.

Pode parecer casual, mas o encerramento das atividades da livraria e depois do gabinete de leitura coincidiu com o estabelecimento de tratados bilaterais entre a Bélgica e a França, que normatizavam a questão dos direitos autorais, restringindo as práticas da pirataria. Tudo parece indicar que a manutenção dos negócios de Desiré-Dujardin dependia das vantagens oferecidas pelos editores belgas: livros de baixo custo, estoques de coleções, venda de livros sob consignação e longo prazo para saldar as dívidas. Na medida em que os novos protocolos impuseram restrições jurídicas e diplomáticas que afetaram economicamente a cadeia produtiva dos impressos, as falências se multiplicaram e seu impacto repercutiu de maneira negativa na esfera da distribuição e da comercialização. Talvez isso explique o encerramento das atividades de Desiré-Dujardin, assim como a diminuição significativa do fluxo de livros belgas enviados ao Brasil, conforme os indicadores encontrados nos catálogos de bibliotecas e gabinetes de leituras.

A retirada de cena de Desiré-Dujardin implicou também o apagamento de seus rastros pela Corte imperial. As petições ao chefe da polícia solicitando maior rigor no controle de gôndolas, seges e carroças que trafegavam pela rua do Ouvidor, conduzidas por "cocheiros insolentes e inábeis", que

atravancavam o passeio da “boa sociedade” e, não raro, destruíam as vitrines das lojas, as subscrições para as datas festivas e os banquetes oferecidos a viajantes ilustres deixaram de contar com a colaboração do livreiro belga³².

O espólio dos livros foi objeto de quatro leilões realizados em setembro de 1853, pelo comerciante Carlos Tanière, estabelecido à rua da Quitanda n. 45, não muito distante da sede dos negócios de Desiré-Dujardin. Conforme ele notificava, o catálogo estava disponível aos interessados e reunia “todos os livros que formaram o gabinete de leitura da antiga Livraria Belga-Francesa, o mais completo e conhecido até hoje no Rio de Janeiro”.³³

Para imensa alegria do pesquisador, a investigação possibilitou não apenas desvendar o intrincado processo de produção de artefatos impressos na Europa, avaliar a concorrência dos editores belgas e as disputas travadas com os livreiros franceses, a localização desses romances nos catálogos de gabinetes de leitura e bibliotecas associativas oitocentistas, e nas estantes do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, como também a descoberta de um “intermediário esquecido” especializado na comercialização de obras provenientes da Bélgica.

Todavia, o estado de felicidade geral não se encerra com o encontro dos indícios da venturosa passagem do livreiro belga pela Corte imperial. O desfecho conta com a presença daqueles agentes que, de certa forma, justificam o lugar dos livros na sociedade, isto é, seus leitores. É bem verdade que são apenas dois breves registros, mas eles confirmam o elo do circuito, ao mencionar as formas de apropriação dos romances belgas.

O primeiro deles é da lavra de José de Alencar que num texto de caráter autobiográfico, *Como e por que sou romancista*, registrou “a predileção de meu espírito pela forma literária do romance”. Ao rememorar as sucessivas aproximações com a literatura, ele mencionava o clima dos empréstimos e descobertas entre os estudantes da Academia de São Paulo. Foi na opulenta livraria de Francisco Otaviano que ele registrou ter visto “pela primeira vez o volume das obras completas de Balzac, nessa edição em folha que os tipógrafos da Bélgica vulgarizam por preço módico”.³⁴

³² Veja, por exemplo, a “Petição dos moradores da rua do Ouvidor, ou dos ali estabelecidos com casas de negócio, dirigida ao Exmo. Chefe de polícia”, *Correio Mercantil* (RJ) n. 313, 19 dez. 1850, p. 2.

³³ Os informes foram publicados no *Diário do Rio de Janeiro* (RJ), respectivamente, nos dias 1º, 6 e 19 set. 1853.

³⁴ ALENCAR, José de. *Como e por que sou romancista. Obra completa*, vol. 1. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959, p. 110.

Pouco mais tarde, quando retornou à cidade do Rio de Janeiro no início dos anos 50, ele reiterou o papel dos gabinetes de leitura na mediação entre os leitores e os livros, quando informava:

Com minhas poucas sobras, tomei uma assinatura em um gabinete de leitura que então havia à Rua da Alfândega, e que possuía copiosa coleção de melhores novelas e romances até então saídos dos prelos franceses e belgas.

(...) Devorei os romances marítimos de Walter Scott e Cooper, um após outros passei aos do Capitão Marryat, e depois a quantos se tinham escrito desse gênero, pesquisa em que me ajudava o dono do gabinete, um francês de nome Crémieux, se bem me recordo, o qual tinha na cabeça toda sua livraria.

Li nesse decurso muita coisa mais: o que me faltava de Alexandre Dumas e Balzac, o que eu encontrei de Arlincourt, Frederico Soulié, Eugênio Sue e outros. Mas nada valia para mim as grandiosas marinhas de Scott e Cooper e os combates heróicos de Marryat.⁵⁵

O fragmento fixa com muita clareza as habilidades e a contumácia de um leitor capaz de pesquisar, selecionar e “devorar” as obras disponíveis que passaram a moldar o seu gosto e predileção pela forma romance. Diante do que foi exposto, nada a estranhar a opção comercial do livreiro francês, equivocadamente denominado Crémieux, pois os exemplares belgas favoreciam o negócio pela sua relativa barateza.⁵⁶ Da perspectiva do leitor, os indelévels contatos com Balzac, Sue, Dumas, Arlincourt, Scott e outros eram mediados pelos livrinhos oriundos da Bélgica que foram retidos na memória como marcas rituais de uma iniciação à leitura.

O segundo registro também é originário das reminiscências de um homem de letras brasileiro que se notabilizou como romancista. Ao mencionar os seus anos de formação, Alfredo Taunay relatou o fascínio que algumas obras exerceram na sua imaginação. Curiosamente, esses objetos do desejo do jovem leitor também foram registrados como contrafações belgas e suporte de narrativas inesquecíveis.

Para mim começara este furor de leitura desde fins de 1852, causando-me a primeira novela por que me interessei verdadeiro deslumbramento – *Ivanhoé*, de Walter Scott. Aquilo se me afigurou estupendo, sublime e, como tinha a possibilidade, quando ia com meu pai ao Engenho Novo, de trazer de lá livros, não havia como faltar-me. Assim da

⁵⁵ Idem, *ibidem*, p.113-114.

⁵⁶ O verdadeiro nome do livreiro era Crémière, proprietário de uma livraria e do gabinete de leitura francês e português instalado na rua da Alfândega, nº 135.

biblioteca do tio Beaurepaire tirei o *Judeu errante*, oito grossos volumezinhos, edição de Bruxelas que devorei sem parar. Também em extremo apreciei uma contrafação de Walter Scott – *Aymé Verd* – estes três romances foram os primeiros de que tomei conhecimento.³⁷

Recebido: 21/9/2015 – Aprovado: 31/05/2016

³⁷ TAUNAY, Alfredo D'Escagnolle. *Memórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960, p.38.